

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



AS TENDÊNCIAS RELIGIOSAS DO ROMANTISMO ALEMÃO

Nathaly Letticia Ferreira Gonçalves¹

Há muito se discute sobre as multifaces atribuídas ao romantismo, tornando este fenômeno não pertencente apenas ao uso exclusivo da literatura. Suas possibilidades ultrapassam as nomenclaturas, tornando-o fonte de estudos e reflexões diante de suas (in)definições. Dessa forma, ao delinear sua passagem histórica e marcante, o presente artigo pretende fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema romantismo alemão especificamente em sua primeira fase, recortando temporalmente suas características.

Diante do volume de interpretações face ao fenômeno, o objetivo da presente pesquisa é buscar examinar sua abordagem conceitual frente à literatura, à historiografia e à religião à luz dos autores Otto Carpeaux, *A história concisa da literatura alemã* (2013); Michael Löwy e Robert Sayre *Revolta e Melancolia* (2015); Jacob Guinsburg *O Romantismo* (2013). Dessa forma, nosso diálogo tratará de autores pelos quais refletem o romantismo enquanto uma corrente filosófica, literária, artística, política, religiosa e histórica, a fim de contribuir e promover reflexões no que tange o repertório cultural do romantismo alemão, especificamente em sua primeira fase. Nesta abordagem, o presente texto discutirá as multiplicidades do fenômeno romântico e suas variadas possibilidades.

1. Romantismo na literatura: o *Frühromantik*

Jacob Guinsburg afirma que o romantismo adquire (in)definidos conceitos, sendo um pouco de cada atribuição. Define-se rotineiramente o romantismo ainda

¹ Mestranda em História pelo programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudeste, sede Morrinhos.
E-mail: nathalylfg@gmail.com

como “uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito? Provavelmente tudo isto junto e cada item separado” (GUINSBURG, J. p.23, 2013) Para Guinsburg, além de serem atribuídos títulos ligados à filosofia ou literatura, o romantismo é um fato histórico pois passa a ser presente além da produção artística. O projeto do romantismo enquanto literário surge com o idealismo de centralizar o “eu”, em busca de recriar o mundo a partir da sua imaginação, assim definiu Carpeaux. Com o cenário saudoso à Idade Média e seu conservadorismo, a primeira fase do romantismo alemão trouxe uma visão de mundo contrária aos aspectos modernos, fazendo, portanto, com que o homem daquele período estivesse em constantes conflitos consigo mesmo.

Considerado como o movimento primário em uma perspectiva literária e influente para os demais territórios na Europa, o romantismo ficou conhecido como o “mais especificamente alemão de todos” (CARPEAUX, 2013, p. 89); uma vertente que assume formatos originais, uma vez que, se comparado ao de outros pontos da Europa, suas raízes assumem características específicas que arrogam o movimento com legitimidade alemã. (CARPEAUX, 2013). Uma vez consolidado, o romantismo, a partir do século XVIII e parte do século XIX, tornou-se uma corrente considerada como um modo de vida, uma busca incessante pelo passado perdido e desencantado, apresentando traços de melancolia e intuição.

Acerca disso, para Michael Lowy e Robert Sayre, o romantismo foi sinalizado como o movimento fruto de uma reação anticapitalista, uma crítica ao século das luzes. Dessa maneira, o presente trabalho propõe-se a refletir sobre romantismo como um projeto de viés ideológico que assume um formato de sobrepor ou sobreviver à modernidade e às suas transformações.

Ao pensar as obras literárias do romantismo alemão, os seus precursores ganharam o título de “os irracionalistas de Iena”, sendo, portanto, parte de uma constelação que assumiria em suas obras o teor crítico da sociedade apresentada em questão. As primeiras obras publicadas tiveram origem na revista *Athenaum*, apresentando os irmãos Augustus Schlegel e Friedrich Schlegel como iniciadores.

Dotados de uma visão sentimentalista e melancólica, os românticos visavam repensar a forma de se viver. O *Frühromantik* enquanto um movimento cultural, destarte, visava valorizar os aspectos irracionais do ser humano. Seus intelectuais estavam lançados em um mundo “desencantado”, que os forçara a um processo de reencantamento. Suas obras eram pautadas na subjetividade do indivíduo, favorecendo o emocional marcado pelos sonhos, sentimentos, angústias; subjetividade essa que estava comprometida com a chegada do século das luzes. O espírito romântico estava marcado pela inquietude, e, na luta de conquistar o passado, objetivavam um mundo que outrora alimentava as lembranças romantizadas e era válvula de escape para a fuga da civilização moderna.

Destarte, ao lutarem contra a civilização moderna, na busca do “eu fragmentado”, do modo de vida perdido e do conservadorismo em decadência, o homem romântico buscava, na construção de obras artísticas e literárias, verificar o espelho do seu antigo eu, haja vista que:

De fato, na óptica romântica essa crítica está vinculada à experiência de uma perda; no real moderno uma coisa preciosa foi perdida, tanto no nível do indivíduo quanto no da humanidade. A visão romântica caracteriza-se pela convicção dolorosa e melancólica de que o presente carece de certos valores humanos essenciais, que foram alienados. (LÖWY, SAYRE, 2015, p. 43)

Por consequência, a sensibilidade do homem romântico surge como uma inquietação causada em oposição ao progresso; é evidente uma paixão ardente pelo país pelo viés do conservadorismo. O cerne da alma romântica era o desejo incessante pelo retorno dos valores que foram perdidos com o passar do tempo; o fragmento do “eu” desfigurado seria o âmago da luta do retorno à velha guarda. (LÖWY, SAYRE, p. 43)

Assim sendo, frente a um novo cenário de sobrevivência, o homem romântico objetivava retomar os aspectos sentimentais perdidos pelo viés da arte. Suas composições apresentavam teor sarcástico e de ironia, na literatura propriamente dita. A denúncia contra o novo modelo social era realizada com ambiguidade, raramente com denúncias francas, com um público-alvo a ser alcançado, e, geralmente, em suas críticas constava o teor irônico ao novo modelo de sociedade. Apresentando vales nebulosos, florestas escuras, ruínas, mitos; o homem romântico duvidava da racionalidade pura, sua relação com o universo poderia ser considerada

insignificante. É na natureza que se contempla a maior característica da obra romântica: o desejo pelo eterno, aquilo que é infinito.

Utilizando-se de técnicas artísticas sombrias, a fim de representar um “vazio”, uma inquietação e uma melancolia que fora desencantada com o mundo perdido, o homem romântico tentava a subjetividade do “eu”, ligando-o à natureza e intentava encontrar uma ligação que o referenciava ao mundo medieval, algo que apresentava o cenário perfeito para o retrato romântico e sua sensibilidade atingida no processo de passagem de épocas.

2. As tendências religiosas do romantismo alemão

Para os nossos estudos, ao se desejar refletir sobre a relação entre romantismo e religião, nos pautamos apenas em apresentá-la como fonte de cultura e um fato social, um sistema cultural, assim como afirma Clifford Geertz (2008). Da mesma forma, como Durkheim, implicamos em deixar de lado os juízos de valor referente à religião sem buscar estabelecer verdades absolutas, mas, apenas, usá-la como instrumento de reflexão em relação ao “encantamento” do indivíduo.

Para o homem romântico, a sensibilidade e subjetividade produzem efeito nas emoções que são inerentes à alma e suas angústias tão questionáveis pelo contexto em que vivem. Sua sensibilidade requer o infinito, a esperança, o além mundo. Suas incertezas são questionadas e afirmadas na sentimentalidade de uma relação envolvida com o divino, objeto de esperança. No idealismo romântico a religião reflete sensações, aquilo que não se sabe, nem se vê, mas se sente e alimenta a fé. A fé partilha de um sentimento, não de uma certeza absoluta. Dessa maneira, as inclinações românticas partilhavam de alguns ideais basilares inerentes à religião, visto que as tentativas do homem romântico de retornar ao passado prestigioso, alcançaria um viés religioso, especialmente àquele ligado à Idade Média, “a tal ponto, que inúmeros críticos consideram a religião o principal traço do espírito romântico” (SAYRE, LÖWY, 2015, p.53).

Considera-se o objeto da religião uma fonte que emana poder e ordem, e o espírito romântico transpirava o desejo pelo conservadorismo, algo muito em comum com a popularidade da Igreja Católica no período medieval. A tentativa do

homem romântico de resgatar seus valores rechaçados pela modernidade, soa como uma importante associação às tendências católicas, a fim de reafirmar a posição do cristianismo, o âmago da alma romântica, essencialmente religiosa. Todavia, o fenômeno não apenas buscou recuperar a religião católica do passado, mas também lançou mão de subterfúgios ligados à magia, utilizando-se de elementos esotéricos e sobrenaturais, símbolos e serpentes, lendas pagãs, contos de fada e experiências góticas em suas obras literárias e artísticas, essas que estariam presentes não só na prosa, mas igualmente na poesia e na pintura.

Com a perda da autoevidência religiosa (BERGER; LUCKMANN, 2005), objeto de devoção, e do legítimo poder na Idade Moderna, o indivíduo romântico assistia com nostalgia e melancolia o adiantar do processo da civilização, abrindo mão da natureza que era agora de ocupação industrial, tornando o homem moderno cada vez mais condenado à sua própria sorte; sorte essa que estava ligada ao movimentar das correntes e das máquinas industriais. A chegada da modernidade e suas transformações fizeram, por muito tempo, estudiosos lançarem mãos de teorias como o declínio da religião, ou seja, o processo de secularização. Esse processo de secularização libertaria o homem das suas obrigações institucionais religiosas, algo que se tornaria uma ameaça à tais instituições, pois propunha um novo paradigma que poria fim aos valores ligados à Igreja. Essa estranheza despertaria inquietudes e colocaria de lado várias certezas. Para a alma romântica, a industrialização e o processo de modernização só causariam frieza e racionalismo, que inverteriam a subjetividade tenra em fabricação de uma sociedade friamente mecânica, tornando o indivíduo social um mero expectador do avançar do egoísmo e do sistema econômico como deus dos homens, revertendo e perdendo valores afetuosos, haja vista que para o sujeito romântico

O sentido histórico universalista da evolução da poesia e das artes em geral, coincidiu, para os românticos, que interiorizaram o sagrado e sacralizaram a arte – num contexto em que se confiava à religião a guarda dos valores tradicionais, senão a própria defesa da ordem instituída –, com o sentido do desenvolvimento espiritual da humanidade. (NUNES, 2019, p.71)

Dessa maneira, pelo viés da religião o espírito romântico encontraria uma visão restitutionista, fator muito pertinente aos pensadores universitários precursores da primeira fase do romantismo alemão; e sua instauração teve um de

seus focos fundamentais predominantes na Alemanha. Ao recriar o passado, a religião pelas lentes do homem romântico torna-se o ponto base da evolução humanitária e seu “encontro” com o mundo místico, objeto de seus desejos, favorecendo a ascensão do romantismo alemão enquanto uma corrente cultural que perpassaria as transformações sociais vividas no contexto de conflito e inquietudes multifacetadas pela modernidade.

Os precursores do romantismo alemão, animados com a perspectiva filosófica em suas discussões, adotaram em seus estudos uma topicalização para refletir a teoria de Kant, sobre os aspectos do idealismo transcendental. Entretanto, vale ressaltar que a teoria esteve de certa forma aliada aos estudos e pontos de conversas para os idealistas românticos na sua primeira embarcação.

A religião e o seu retorno como objeto de afinidade com o romantismo tornam-se elementos notáveis para a reação do movimento romântico à modernidade e sua amplitude, pois ao se pensar o desencantamento do mundo com a perda de tutela da religião na era secular, aparentemente sugere que o seu retorno seria uma tentativa de sobrepôr, reagir ou ressurgir a liderança religiosa que poderia estar em declínio, pelo viés das variadas frentes do romantismo enquanto uma corrente cultural que poderia influenciar seus seguidores e contribuir para a expansão dos valores pregados ali.

Em vista disso, torna-se de suma importância observar a relação entre a religião e romantismo e a forma como seus ideais associam-se, uma vez que ambos se assemelham por possuírem ideais de oposição ao mundo moderno. Haja vista que, na modernidade, para a Igreja Católica em queda de prestígio, era necessário propor estratégias de sobrevivência à ameaça moderna.

Dessa forma, a Igreja liderou um movimento de (re)ação contra o inimigo moderno, uma vez que “o início do século 19 alemão presenciou o ápice de uma espécie de ‘secularização interna’ do catolicismo” (GOMES FILHO, 2019, p. 24). Objetivando reforçar sua identidade, a Igreja reagiu a partir do movimento ultramontano: uma busca de centralizar o poder temporal e espiritual nas mãos do papa, algo em muito desejado pela reforma gregoriana já no século XI e orquestrado pela Igreja Católica ao longo de toda a sua relação com o poder secular na história.

Já no Oitocentos, essa mesma Igreja enfrentava alguns desafios com a instauração dos princípios modernos e uma sociedade, agora, heterógena em seus costumes e cultura. Frente a um público que aceitava a conformação da Igreja, mas não abriria mão do novo regime contemporâneo e cultural, o movimento ultramontano propunha firmar o catolicismo e vencer os desafios da modernidade em consolidação para garantir sua posição de autoridade máxima para os fiéis, buscando fortalecer a conduta de fé, tradições e religiosidades. Dessa forma, como afirma Robson Gomes Filho (2019, p. 22):

O Romantismo, como ficou conhecido este movimento fruto das crises do pensamento iluminista no início do século 19, abriu um importante espaço para a valorização de elementos barrocos e místicos da religiosidade católica, permitindo, assim, a retomada – especialmente no meio intelectual e clerical – de elementos criticados pelo iluminismo, e que seriam depois a base de apropriação religiosa da ascensão ultramontana nos reinos germânicos.

Portanto, com a ascensão do Romantismo alemão, a Igreja Católica encontrou certa segurança nos ideais místicos e medievais da nova corrente em questão, pois, nas palavras de Robson Gomes Filho (2019, p. 39),

Se, por um lado, no final do século 18 o catolicismo da intelectualidade e burguesia bávara apresentou-se como um dos grandes centros do iluminismo religioso possível, por outro, entre a segunda e a quarta década do 19 foi o romantismo religioso católico que deu o tom no modo como a nova geração de padres dirigiria a vida religiosa da população local, reascendendo nas práticas cotidianas o caráter místico e miraculoso que a Ilustração tentara apagar, e, assim, antecipando em pelo menos duas décadas um reavivamento religioso reivindicado pelo ultramontanismo nos demais estados alemães.

Refletindo sobre o romantismo alemão em sua perspectiva religiosa, percebe-se a comum existência da relação deste com o esoterismo, sendo a filosofia e a religião os principais formadores do cerne romântico em uma perspectiva doutrinária, trazendo possibilidades de referência à doutrina atribuída ao misticismo. (FEDELI, 2019, p.37) Dessarte, ao refletirmos sobre o esoterismo enquanto um elemento comum à religião e ao o associarmos ao fenômeno do romantismo, nos deparamos com outra face religiosa, dessa vez o pietismo: uma religião mística “ligada ao coração”, ao sentimento, uma forte oposição às tendências liberais, princípios que promoveriam a filosofia que daria vida e característica à escola romântica alemã.

O pietismo, fundado por Philipp Jacoc Spenner, tornou-se uma religião que, apresentando seus cultos em ambientes ligados à natureza, buscava manter a chama espiritual para os fiéis que buscavam a experiência religiosa em certa medida bucólica, algo semelhante a uma fuga do pensamento racional, haja vista que o ideal de liberdade e a razão propriamente dita eram elementos que deveriam ser combatidos no homem religioso, ao passo que seria necessário se abrir mão da razão para não ser vítima da individualização, algo que levaria o homem a ser egoísta e centrado em si mesmo, separando-o do divino. Buscava-se, portanto, a busca da autoanulação em favor da crença. Dessa maneira, ao anular-se, o homem não concederia espaço à “carne” e viveria da subjetividade sentimental como forte relação entre o homem e a sociedade, bem como o homem e a natureza. (FEDELI, 2019, p.54)

Ao prosseguirmos as reflexões ligadas ao elemento esotérico percebe-se a associação deste aos princípios católicos, pois no contexto relacionado ao Iluminismo, para os românticos, o homem “moderno” seria, portanto, um inimigo da religião, algo que iria de encontro com os princípios românticos, uma vez que a busca pela razão e a explicação do universo em termos científicos contestaria a fé dos fiéis, advinda de um mundo sobrenatural e estendível ao natural, contrariando as forças e ações divinas. Assim como os românticos, o pietista apresentava traços sentimentais de melancolia, de angústia e de solidão.

Ao se pensar no sujeito influenciado pelo romantismo no viés da filosofia, é possível refletir que a tendência religiosa também era encontrada nos autores de renome no movimento alemão, pois esses eram fortemente influenciados por nomes ligados ao esoterismo, na crença de Deus e espírito como alma do mundo. Para os idealistas alemães, espírito e matéria são objetificados na natureza, sendo essa a criadora do Ser celestial; e o fruto da relação entre a Divindade e a sua aparição se revela na história, no cenário da natureza. Para os idealistas alemães a relação entre o divino e o homem se daria por meio do amor, e esse amor seria palco da exaltação da natureza que revelaria o divino aos homens. Nessa cena, ao se revelar a divindade, conseqüentemente se exaltaria a criação do bem e do mal, porém, em suas aparições no palco natural, seria por fim a redenção da maldade que reduz o

homem, bem como para os idealistas essa redenção traria a união entre homem, Deus e o universo, em um só reino. (FEDELI, 2019, p.63)

As ideologias pertinentes aos idealistas alemães em sua primeira constelação, em Jena, partiam do pressuposto não apenas relacionado à natureza ontológica ou de teoria metafísica. Porém, essa “doutrina” associada à natureza como brasão do homem romântico, fundamentaria a teoria que diz respeito à religião e à sua importante representatividade para o ser humano.

Ao passo que a redenção produz a salvação do homem caído, os idealistas alemães, enquanto religiosos, cogitavam a crença de que o reino instaurado pelo amor facilitaria o bem comum, dando fim à desigualdade e extinguindo o papel da moeda e do governo, fatores esses que separavam os homens e os tornavam egoístas e individualistas. Assim sendo, seria o amor, a união entre os indivíduos, uma espécie de válvula de escape para o homem idealista e religioso na perspectiva romântica. Pois, somente pelo amor e por amor o homem estaria livre de si mesmo e das amarras sociais impostas e pelas instituições que engendravam suas escolhas e comportamento.

As propostas do Iluminismo enquanto razão e do capitalismo só seriam de fato bem vistas pelos idealistas alemães quando estes fatores não mais excluíssem as massas, mas, por meio do reino imposto entre religião e homem, os unificasse. Assim como o romantismo ultrapassa as possíveis definições, buscando alcançar “seu lugar no mundo”, o viés religioso também aponta para a direção de um pensamento, uma cosmovisão, uma busca de “reencantar o mundo” que estava à beira do precipício com o processo civilizador ocidental. O romantismo assumiu uma roupagem que demonstra pressupostos religiosos, pois parte de seus autores possuíam essência religiosa.

Vale ressaltar um dos precursores da primeira fase do romantismo alemão, Friedrich Schlegel, (1772-1829), filho de pastor protestante, que recebeu influência familiar durante sua infância e em sua vida adulta se converteu ao catolicismo e “exigiu uma literatura universal e a revalorização da Idade Média e do Oriente.” (CARPEAUX, 2013, p.80) A teoria literária de Friedrich Schlegel, nas palavras do poeta e jornalista Christian Johann Heinrich Heine, em sua obra *A escola Romântica*

(*Die romantische Schule*), se dava “a partir do campanário de uma Igreja Católica”. (HEINE, 1985. *Apud*: MEDEIROS, 2015, p.23). Dessa forma, percebe-se que a religião se tratava de uma peça chave na formação humanística e artística do autor, levando-o a produzir em suas obras uma possível revalorização da Idade Média, época em que o domínio estava ligado diretamente à Igreja Católica, pois, segundo Robson Gomes Filho (2019, p.24) “em termos práticos, o romantismo exerceu sobre o catolicismo alemão das primeiras décadas do século 19 uma importante influência no retorno do misticismo”.

Friedrich Schlegel, ao ser considerado uma das figuras centrais do romantismo alemão em sua primeira fase, demonstrava um “profundo interesse pelas culturas da Idade Média que, para ele, davam expressão à espiritualidade e fantasia intimamente ligadas à vivência mística do Cristianismo antes da Reforma” (MARTINS, 2012, p. 405). Além disso, o romântico considerava que “estas estariam ausentes na sua própria época, dolorosamente concebida como imperfeita e culturalmente decadente” (MARTINS, 2012, p. 405) Como efeito deste pensamento, a necessidade de um romantismo “revolucionário’ para a soberania da irracionalidade, justifica-se, portanto, na necessidade de obras que se baseassem em “poesias religiosas de inédita profundidade de sentimento”. (CARPEAUX, 2013, p.85).

Ao alicerçar-se na face religiosa, o romantismo, juntamente ao catolicismo somariam forças para protestar contra a civilização moderna e seus impactos progressistas e tecnológicos, algo que, na visão do homem medieval, apenas levaria à falência social do homem moral.

Após refletirmos sobre a posição conservadora de um dos seus precursores, o poeta Friedrich Schlegel, salientamos outro importante autor que portava pressupostos anti-modernos e evidenciaria seus apelos com vieses religiosos em suas obras. Trata-se de Friedrich Schleiermacher (1768-1834). Juntamente a Schlegel e outros autores, conforme Jacqueline Mariña (2020), Schleiermacher comungava na escola de pensamento da Universidade de Jena, círculo pelo qual valorizava a natureza e sua relação com o Ser supremo. Ao se pensar em religião para Schleiermacher, afirma-se sua essência na sensação e intuição, bem como

sentimento. Seria na religião que o indivíduo encontraria consciência de si mesmo, fundamentada não pelas instituições e doutrinas, mas pela experiência com o Sagrado. A religião é a necessidade de infinitude, a liberdade do homem de provar, na natureza, a descoberta do Deus que se revela em experiências íntimas. A ambição pelo Absoluto seria sua sentimentalidade fundamental. Para o autor, o estágio “final” do ser humano seria seu encontro com o Absoluto e sua forma eficaz de tamanha grandiosidade poderia ser refletida nas obras de arte. Na constelação romântica, a religião não é apenas a cultura ou tradição herdada, mas uma espécie de relação entre o homem e o supremo, relação que se daria pelo desfrutar da natureza e seus mistérios, conduzindo a experiências que levariam à melancolia romântica e compensação das mazelas da vida.

Considerações finais

O presente estudo deu-se a fim de produzir reflexões acerca do romantismo alemão em sua primeira fase enquanto um fenômeno que se assemelha a perspectivas antimodernas, bem como observar suas tendências associadas ao discurso religioso. Dessa maneira, tornou-se necessário examinar o processo de construção e consolidação da modernidade, esta que causou estranheza e provocou uma reação da Igreja em busca de legítimo poder social, uma vez que sua autoridade apresentava declínio. Ao se pensar no homem romântico, entendemos que seus ideais, angústias e conflitos se associavam a proposta de resgatar um passado medieval e saudoso, correspondendo, portanto, a expectativa da instituição de autoridade religiosa ao propor reações em busca de poder. Nossos estudos voltaram-se para o público de historiadores, literários, filósofos, entre outros, a fim de dialogar sobre a corrente quase inominável diante de multifaces e representatividades. Compreendemos que tais questões reflexivas partem de um pressuposto que requer investigar o impacto do pensamento religioso enquanto uma instituição de influência para a sociedade que se constrói ao longo do tempo.

Nosso estudo pautou-se em apenas promover uma discussão prévia acerca dessas possíveis relações entre o homem romântico e a religião. Compreendemos que a pesquisa apresenta limitações quanto às reflexões, algo que pode promover

um pensamento diferente diante de outros olhares. Entretanto, contemplamos a proposta da pesquisa considerando êxito na investigação.

Referências

ALMEIDA, Fábio Py Murta. “Capítulo 3: Cristianismo romântico como tipo teológico-social”. In: **Lauro Bretones, um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1956**. Tese de Doutorado - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016, pp. 103-149.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

CARPEAUX, Otto Maria. **A história concisa da literatura alemã**. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FIDELIS, Orlando. **Elementos esotéricos e cabalísticos nas visões de Anna Katharina Emmerick**. São Paulo: Flos Carmelli, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. LTC, 2008.

GOMES Filho, Robson Rodrigues. **Kulturkampf: a Igreja Católica e a construção da modernidade e nação alemã no século XIX** / Robson Rodrigues Gomes Filho – Curitiba: CRV, 2019.

GUINSBURG, J. “Romantismo, historicismo e história”. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O Romantismo**. Editora Perspectiva...

GUINSBURG, J. “Cronologia do Romantismo”. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O Romantismo**.

LÖWI, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e Melancolia**. São Paulo: Boitempo, 2015.

MARIÑA, Jacqueline. Religion and early romanticism. In: MILLAN, Elizabeth (ed.) **Palgrave Handbook of German Romantic Philosophy**. Palgrave Macmillan, 2020, pp. 95-117.

MARTINS, Catarina Caldeira. **Friedrich Schlegel e Camões** Actas da VI reunião internacional de camonistas. presented at the 2012. Coimbra, 2012.

MEDEIROS, Constantino, Luz de. **A crítica literária de Friedrich Schlegel** / Constantino Luz de Medeiros – São Paulo, 2015.

NUNES, Benedito. “A Visão Romântica”. In: GUINSBURG, J. (Org.). **O Romantismo**. Editora Perspectiva...

SILVEIRA, Roberison W. D. Para pensar a unidade do primeiro romantismo alemão. **Existência e Arte**, v. 1, p. 114-139, 2012